**TEMPO DE UMA IGREJA PREOCUPADA**

Tantas vezes parece que a Igreja está preocupada, com aquilo que não é de preocupar. Jesus disse aos seus amigos e amigas, que o acompanharam: “Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a todos os povos e batizai-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo”, esta foi a única missão que Jesus deu à sua Igreja. Saí para as ruas, avenidas e vielas, de todas as cidades ou vilas ou aldeias, não levem nada convosco, porque só meu Espírito basta. E é esta preocupação que não se vê nos dias de hoje nas igrejas, mas outras de índole económica, posição social e estar juntos aos poderes que se formam nas sociedades. O que vemos nas igrejas são barretes cardinalícios e tronos onde se sentam os grandes das igrejas, é que é verdadeiramente isso, porque chamam-se mesmo “tronos”. Quando se entra numa catedral, onde alguns pensam que se prega o Evangelho, o que vemos, senão um trono acima da cabeça de todos, onde se senta o bispo, sucessor dos apóstolos. Como será possível, na “prática”, estes poderosos das igrejas pregarem o evangelho daquele cujo trono, foi a Cruz. Com o fausto de poderosos, quais impérios, que se chamam igrejas particulares – vulgo igrejas diocesanas -, falar ao Povo de Deus de um filho de um carpinteiro, que nunca teve esse “fausto” de roupas e de idolatria?

As diversas Igrejas cristãs estão possuídas de um individualismo atroz, que ora se atacam mutuamente, ora se reproduzem em orações pela sua compreensão entre ideias diversas de ser cristãos. Não existe mal nenhum na diversidade das igrejas, porque isso só contribui para a sua unidade em Jesus Cristo. O mal -quanto a mim-, está no exercício do poder, que não constitui um exercício do poder do serviço, mas de poderosos em outras matérias e que desconhecem os gritos da humanidade e da criação. A oração não é um fim em si mesmo, como tantas igrejas cristãs pretendem, mas uma disciplinadora prática da ação no mundo, defendendo quem é mais fragilizado, ou como quem é violentado, como a Mãe Terra. Por mais orações que façamos, se não passarmos a uma decisão ativa do poder do exercício da ação, contida na própria oração, não parece que a Igreja esteja assim tão preocupada – não escondendo, é verdade, tantos que estão preocupados.

Quando a igreja faz da oração o seu principal meio de atuação, pedindo isto e aquilo, deveria lembrar-se que Deus tudo deu, até a sua própria vida em seu Filho encarnado, e que essa oração – nomeadamente de petição -, é mais um alerta à nossa consciência do trabalho que temos de fazer. Andrés Torres Queiruga, no seu excelente livro “Recuperar la creación” disso faz menção. De que valerá um ORA sem uma AÇÃO? Se pedimos a Jesus que interceda para que “os meninos do Iraque tenham pão”, não é por isso que eles o terão. Se pedimos a Jesus que haja Paz e Fraternidade, não será por isso que ela haverá. Na multiplicação dos pães e dos peixes, Jesus não deu Graças sem alguma coisa que um menino lhe trouxe, mas sobre o que lhe apresentaram. Então sim, deu-se o sinal de que do pouco se faz muito.

Atravessa a igreja momentos de inexplicável retrocesso na sua voz e no número dos seus fiéis, se fossemos perguntar porquê este abandono, diriam que não é pelo Evangelho de Jesus, mas pelo comportamento de quem detêm os poderes na igreja, que não são de serviço, mas de ignominioso exercício daqueles que se fecham nas “capelas” rezando para que aconteça aquilo que não querem que aconteça; querem conservar os seus poderes económicos e sociais, pouco estando interessados em sair do casulo e oferecer os pães e os peixes que possuem, conservam-nos para eles e, grosseiramente, falam de Evangelho.

Estamos em tempos que não temos uma igreja preocupada com o Grito dos Aflitos, mas que se preocupa – quando se preocupa -, em exercer um ministério de atendimento aos dias e horas marcados, um ministério de uma manutenção muito manhosa.

Do alto dos tronos dos templos não construímos uma igreja preocupada, antes uma igreja em definitiva agonia.

Joaquim Armindo

Pós – Doutorando em Teologia

Doutor em Ecologia e Saúde Ambiental

Diácono – Porto - Portugal